

Credores revelam a Funaro que ainda preferem o FMI

16 SET 1986

JORNAL DO BRASIL
William Waack

Londres — O ministro Dilson Funaro começou ontem sua cruzada européia diante de muralhas aparentemente indissolúveis: quando expôs o conhecido argumento brasileiro — negociar a dívida externa sem ter de procurar um acordo com o Fundo Monetário Internacional — ouviu de volta que os países e bancos credores não estão pensando ainda em abandonar esse princípio.

Funaro foi confrontado ontem com esse argumento nas conversas que teve com o ministro das Finanças inglês, Nigel Lawson, com o presidente do Banco da Inglaterra, Gerald Blunden, e com os principais executivos dos quatro grandes entre os bancos ingleses: National Westminster, Lloyds, Barclays e Midland Bank. Mesmo assim, Funaro saiu — como sempre — otimista:

— Certamente eles compreenderam qual é a posição brasileira em relação ao problema da dívida. Tratamos de explicar que, antigamente, o refinanciamento de débitos era feito através do mercado. Agora, as condicionantes impostas por instituições internacionais são sobretudo políticas, mas deixamos claro que o Brasil quer permanecer no comando de sua própria política econômica, por isso não pode aceitar imposições — disse Funaro.

O ministro conversou com os jornalistas na residência oficial do embaixador brasileiro em Londres, uma magnífica construção edwardiana (começo do século) no coração de Mayfair, um dos tradicionais e elegantes bairros do centro londrino. Com a ajuda do atual encarregado de Negócios, ministro José Guilherme Merquior, Funaro transformou a residência em seu quartel geral, onde recebeu inclusive os banqueiros para um almoço. Apenas isto já foi, do ponto de vista dos credores, uma notável mudança de estilo — antigamente, os negociadores brasileiros costumavam bater à porta dos banqueiros.

Funaro saiu da residência apenas para os encontros com o Ministro das Finanças inglês, Nigel Lawson, e o presidente do Banco da Inglaterra, Gerald Blunden. Embora suas declarações tivessem sido muito confiantes, Funaro não parece ter ouvido nada de novo nessas duas conversas.

Velho disco

— É sempre aquela mesma história — conta um dos participantes do encontro. — Eles vêm com aquele velho disco da necessidade de ir ao Fundo Monetário Internacional e continuam dizendo que seus governos não têm como fugir a esse princípio, mas acho que compreenderam bem qual é a nossa situação.

Nigel Lawson, com quem Funaro se encontrou ontem no legatário endereço da Downing Street, 11 (o número 10 é da primeira-ministra Margaret Thatcher) representa uma das correntes mais ortodoxas entre os governos credores. Ontem, logo no começo da conversa, ele expôs argumentos que os brasileiros vêm ouvindo com notável insistência há meses. Evidentemente não faltou sequer a lembrança de que o Brasil poderia pagar tudo o que deve ao Clube de Paris.

Ao ministro inglês Funaro reservou ontem sua frase do dia. Confrontado mais uma vez com

o pedido para ir ao FMI, Funaro recorreu aos argumentos que são exaustivamente utilizados pelos próprios países ricos: basicamente a informação de que é necessário tratar caso por caso, ao invés de aplicar um esquema global aos países sofrendo com a crise do endividamento.

— Se vocês querem tratar caso por caso, então estamos aqui para isto mesmo — disse Funaro. — O que vocês não podem é aplicar um tratamento *standard*, aplicado a todos os casos, pois esse o Brasil não aceita.

O ministro brasileiro não nega certa preocupação de urgência com a situação de virtual impasse na qual o Brasil se encontra com seus principais credores.

— Não podemos só ficar dizendo que vamos voltar ao mercado de capitais internacional e nada disso acontece — afirmou. Mas Funaro — embora os caminhos práticos ainda não pareçam claros — faz questão de afirmar que há brechas (que ele não especifica) na posição dos países e bancos credores.

No caso dos bancos, a questão do FMI parece perfeitamente contornável. Saindo do almoço, os principais executivos nada comentaram. No final da tarde, porém, por telefone, um deles afirmou que problemas do FMI não é “*essencial*” (posição negociável) por parte dos bancos. Eles acham, e disseram isso também a Funaro, que a economia brasileira “vai muito melhor”, e também parecem interessados no *myra*, a expressão em inglês para “acordos plurianuais de reescalonamento”, que os iniciados preferem dizer ao invés de pronunciar todas as palavras.

Irredutíveis

Irredutíveis, apresentam-se sobretudo os governos credores. Um dos membros da delegação brasileira, porém, faz questão de dizer que o verdadeiro trabalho de catequese feito por Funaro acabará surtindo efeitos — embora ninguém, ontem, começando pelo próprio Funaro, fosse capaz de fornecer exemplos concretos, muitos menos sobre uma possível base de entendimentos entre o Brasil e seus credores.

— Há muitas maneiras de se contornar esses princípios rígidos que eles querem ver aplicados. É nessa linha que queremos trabalhar agora — disse a fonte, em tom enigmático.

Em especial na conversa do almoço com os banqueiros houve muitas referências à possível volta do Brasil ao mercado financeiro internacional. A julgar pelas declarações que fez ontem aos jornalistas brasileiros em Londres, Funaro parece ter recuado consideravelmente de sua pretensão, manifestada ainda no último mês de julho, de ver o Brasil de volta ao mercado voluntário até o final deste ano.

— Os banqueiros fizeram considerações diversas sobre esquemas de mercado e táticas que o Brasil poderia utilizar para voltar ao mercado — disse Funaro. Indagado pelos jornalistas sobre detalhes desse “esquema de mercado”, o ministro foi evasivo. Um de seus assessores, de qualquer maneira, revelou que os banqueiros não chegaram a sua velha queixa de que o governo brasileiro deveria pagar débitos de bancos brasileiros quebrados e que captaram recursos no exterior através da resolução 63 (“nada ouvi sobre isso e o governo brasileiro não vai pagar”, disse Funaro).